

Luiz Barreto Alves Ferreira

Luiz Barreto Alves Ferreira foi um dos presidentes da Federação Espírita Brasileira. Nasceu em 26 de junho de 1890, na cidade de Fortaleza (CE). Foram seus pais Pedro Alves Ferreira e Maria Alice Barreto Alves Ferreira. Órfão de pai ainda criança, passou a residir com os avós maternos, juntamente com sua mãe e o irmão Pedro Barreto Alves Ferreira.

De família católica, entrou para o Seminário do Ceará, pensando seguir a vida eclesiástica. Um ano depois, o avô resolveu transferir residência para o Rio de Janeiro, com toda a família e, por algum tempo, ficaram todos hospedados em casa do filho do avô, seu tio Alexandre Barreto, que era Coronel do Exército.

Em 1904, Luiz resolveu ingressar na Marinha e, em 1908, foi nomeado segundo-tenente comissário e designado para servir na Flotilha de Ladário, em Mato Grosso.

Retornando ao Rio de Janeiro, foi embarcado no Caça-Torpedeiros Gustavo Sampaio, onde conheceu o capitão-tenente João Luiz de Paiva Júnior, na época tesoureiro da Federação Espírita Brasileira. Foi convidado a assistir a algumas conferências na Federação e, a título de curiosidade, desejou ler *O Livro dos Espíritos*, cuja leitura o entusiasmou de tal forma, que decidiu ler todas as demais obras da Codificação, tornando-se assíduo frequentador da Casa de Ismael.

Na Marinha prestou os mais relevantes serviços. Já no posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra foi transferido para a Aeronáutica com a missão de organizar o Serviço de Fazenda da recém-criada Força Aérea Brasileira, tendo sido o primeiro Chefe da nova Unidade. Era Comandante-Geral o Brigadeiro Armando Trompowski, também originário da Marinha, e teve como Ministro da Aeronáutica o Dr. Salgado Filho, seu cordial e particular amigo.

Em 1911 contraiu matrimônio com Cecília Rocha da Costa e do seu casamento nasceram doze filhos, criando-se nove; três desencarnaram na primeira infância.

Ingressou na Doutrina em 1908, exercendo cargos administrativos em diversas instituições, e praticando mediunidade curadora (de passes) e receitista.

Foi Diretor do Centro Espírita de Jacarepaguá. Na Federação Espírita Brasileira, de que era sócio desde 1914, foi 3º Secretário em 1916-1917, Vice-Presidente em 1922-1923, e Presidente em 1925-1926.

Pertenceu ao Grupo Ismael desde 1916 e, a partir de 1936, tomou-se membro da Assembléia Deliberativa da Federação. Foi companheiro de Pedro Richard, Leopoldo Cirne, Guillon Ribeiro, Aristides Spinola, Paim Pamplona, Amaral Ornellas, Manuel Quintão, Frederico Figner e tantos outros.

Residiu por algum tempo em Recife, participando do Movimento Espírita em Pernambuco. Prestou serviço na Federação Espírita Pernambucana e em outras instituições como expositor, dedicando-se à assistência aos necessitados e aos trabalhos mediúnicos. No Rio de Janeiro trabalhou no Orfanato Pedro Richard, ao lado de Paiva Júnior. Foi eleito seu presidente e, juntamente com a esposa, a ele dedicou grande parte de sua vida, ofertando amor às criancinhas, que tratava como filhas do coração. Participou do Centro Espírita Estudantes da Verdade, especificamente na orientação doutrinária.

Luiz Barreto deu testemunhos de fé e coragem em vários momentos difíceis que envolveram sua família, convencido de que o Pai Misericordioso não nos abandona, desde que aceitemos tudo com resignação.

O trabalho assistencial desenvolvido por Luiz Barreto, desde que ingressou no Espiritismo, daria um compêndio à parte. O seu lar esteve sempre aberto, socorrendo a

todos sem distinção, desde familiares e amigos em desespero até às mais humildes criaturas, que o procuravam para variados socorros.

Luiz Barreto Alves Ferreira desencarnou no Rio de Janeiro, no dia 25 de janeiro de 1944, quando contava apenas 53 anos de idade.

Era tradicional em sua casa a prece do Natal em família, às 24 horas do dia 24 de dezembro. No ano de sua desencarnação, a família, saudosa, realizou o Culto do Evangelho mais cedo, e todos se recolheram ao leito. Ele apareceu à esposa e solicitou que reunisse todos, como era costume, exatamente à meia-noite. Quando todos estavam orando, ele se apresentou semimaterializado, na comprovação de que a vida continua.

Fonte: *Reformador*, julho - 1990.

Francisco Vieira Paim Pamplona

Francisco Vieira Paim Pamplona, nasceu no dia 8 de fevereiro de 1872, no Morro do Paim, de propriedade de seu pai, que deu o nome ao lugar, em Sampaio (Guanabara) e, depois, a uma rua no mesmo bairro.

Nas terras cariocas passou sua existência, tornando-se espírita e ganhando o respeito de quantos tiveram a oportunidade de conhecê-lo. Seus contemporâneos retratam-no como homem de tenacidade inquebrável, fruto talvez da disciplina de sua vida e de sua educação, desenvolvida na Marinha Brasileira.

Nos últimos anos de sua vida, caracterizada por um esforço intenso de servir, Paim Pamplona orgulhava-se de ter o seu nome como o n° 1 no quadro dos sócios vivos da Federação Espírita Brasileira. Era o mais antigo de todos e, igualmente, um dos mais dedicados a ela.

Ignora-se de que maneira se fez espírita, todavia o fato de ter começado a freqüentar a FEB ainda quando era um jovem Guarda-Marinha, permite ajuizar que adquiriu a convicção espírita em sua primeira mocidade. Considerando sagrados os seus deveres, desde os mínimos aos máximos, não foi de espantar a sua ininterrupta ascensão na Marinha, até alcançar o posto máximo, isto é, o de Almirante. A alta patente, entretanto, não afetou o seu espírito de humildade modelar, a sua generosidade singela e espontânea, que passava quase despercebida num mundo onde se alardeia muito e em que a exemplificação autêntica se torna escassa.

Jamais se impacientava, nunca se aborrecia nem punha em evidência sua autoridade, sua energia acima do vulgar.

Além de suas funções na Marinha, foi professor no Colégio Militar, como lente de Geografia; fundou e dirigiu, no Engenho Novo, o "Colégio Nacional". Nos trabalhos doutrinários exerceu com abnegação as mais diversas funções. Na Federação Espírita Brasileira, foi chamado a prestar serviços em muitos postos, inclusive ao de Presidente nos exercícios de 1927 e 1928. Posteriormente, membro, nesta mesma casa, do Conselho Fiscal e do Conselho Superior, funções que exerceu até à desencarnação.

Foi Presidente, por vários anos, do Asilo de órfãos "Anália Franco", e continuou sempre como membro do seu conselho administrativo. Era também, membro do conselho da Maternidade "Casa da Mãe Pobre". Em sua longa carreira doutrinária, ensinava através do exemplo. Não era visto à frente dos espíritas, mas sempre em meio dos espíritas. Seu nome não aparecia nos jornais e são escassos os informes a respeito de sua vida. Sua voz não se ouvia nas tribunas. É mérito educador, criou em 1923, com o Dr. Eurico da Cunha Rabelo, diretor do Instituto Rabelo, o Colégio Maria de Nazaré, no qual se usaram de métodos racionais e naturais, consoante os mais modernos processos pedagógicos, e sob orientação espírita, observando-se, porém, a mais completa tolerância religiosa.

Esse estabelecimento de ensino, destinado apenas a meninas, funcionou por algum tempo à rua Ibituruna, na Guanabara.

Em 4 de março 1955, em sua residência à Avenida Maracanã, n.º 411, desencarnou com 83 anos de idade, o Almirante Reformado Francisco Vieira Paim Pamplona, deixando viúva a senhora D. Eleusina Paim Pamplona, mais conhecida, carinhosamente, pelo nome de Biossa, com quem foi casado durante 57 anos, bem como três filhos e três filhas: O Coronel Silvio Paim Pamplona, srs. Arnaldo Paim Pamplona, alto funcionário Federal Darcy Paim Pamplona, engenheiro mecânico, e sras. Elza, Milza e Marina, todas casadas e numerosos netos.

O velho instrumento de suas atividades materiais foi sepultado no Cemitério de S. Francisco Xavier, em 5 de março de 1955. O Professor Newton de Barros fez o seu elogio fúnebre em discurso vibrante, apresentando as despedidas dos servidores do Espiritismo ao seu modelar companheiro.

Diante de um público das mais versas expressão de crença e descrença, aquela despedida se tornou edificante propaganda do ideal espírita que orientou a vida de Paim Pamplona. Assim desapareceu da superfície da Terra um homem que, em 83 anos de existência, ocupando posições de comando, exercendo autoridade, nunca teve um desafeto.

Fonte: *Revista Internacional de Espiritismo* – março/ 1972.

Antônio Wantuil de Freitas

Mineiro, de Patrocínio de Muriaé, em 19/10/1895 nasceu Antônio Wantuil de Freitas, que exerceu, com raro descortínio, a Presidência da Federação Espírita Brasileira por 27 anos consecutivos, e desencarnou no Rio de Janeiro em 11/03/1974.

Sua vida foi marcada por dificuldades diversas, pois, ficando órfão de pai aos 5 anos de idade, e de mãe aos 22 anos, só lhe foi possível a diplomação em Farmácia em 1913, graças à ajuda dos irmãos. Casou-se em 1919 com D. Zilfa Fernandes de Freitas, com quem teve sete filhos.

Após exercer a profissão em diversas cidade, foi para o Rio de Janeiro de 1924, ali se instalando como farmacêutico-industrial.

Seus anseios sempre nortearam sua busca no que dizia respeito a religiões e filosofias, nas quais buscava respostas que viessem ao encontro do que buscava, quando , em 1932, a convite de um velho amigo, fora a uma sessão espírita, embora com certo ceticismo, pois, era egresso do catolicismo e simpatizante do protestantismo metodista.

No decorrer da sessão, presenciou a manifestação mediúnica de sua mãe, que recordou fatos de sua vida, muito dos quais só ambos tinham conhecimento. A partir desse momento, sua incredulidade se desmoronou e tornou-se leitor assíduo do Espiritismo, durante meses seguidos, de um sem número de obras espíritas. Concomitantemente, em seu lar, surgiram uma série de fenômenos mediúnicos, que indiscutivelmente comprovavam a teoria que havia haurido dos livros. Torno-se então um espírita convicto.

Foi um profissional bem sucedido, ao custo de muito trabalho, mas, em 1944, passou a direção da indústria aos filhos a fim de dedicar-se ao Espiritismo, vivendo desde então exclusivamente para o seu ideal.

Ainda em 1932, ingressou como sócio da FEB, já no ano seguinte participou do Conselho Federativo, e em 1936, foi membro efetivo da Assembléia Deliberativa, e Guillon Ribeiro, então Presidente da Casa-Máter, vendo nele um espírita de grande potencial, convidou-o às eleições de 09/08/1936, onde foi eleito e assumiu o cargo de gerente do Reformador, e ficou até 1943, quando ascendeu à presidência da Casa de Ismael, ali permanecendo até 22/08/1970, ininterruptamente reeleito todos os anos, quase sempre por unanimidade.

Em diversas ocasiões, teve que ir em defesa do Espiritismo, como em 13/06/1939, quando, sozinho, defendeu o Espiritismo na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da qual era sócio, contra acirrada campanha movida por alguns de seus membros. Em outro momento, teve que comparecer ao Ministério da Justiça onde seria interrogado por um tribunal, composto de um general, um almirante e um ministro. Wantuil não se intimidou em sua defesa do Espiritismo, e se não fosse a intervenção do Ministro, teria sido preso pelo almirante.

Em outra ocasião, durante o Governo de Getúlio Vargas, entre 1941 - 1945, vivia-se um clima de perseguições, com portarias de cerceamento às sociedades espíritas, com fechamento no Rio de Janeiro de todas elas, inclusive da Federação Espírita, onde todos os dirigentes foram fichados num cadastro policial. Diante disso, formou-se uma comissão, presidida por Wantuil de Freitas, que inclusive foi porta-voz, e, em março de 1945, partiram em defesa dos direitos do Espiritismo, vindo a derrubar as infelizes portarias que impediam o livre funcionamento das casas espíritas.

Porém, os artigos 282 e 284 do Código Penal ainda pendiam sobre a cabeça dos espíritas, podendo ser aplicados a qualquer momento, e Wantuil, inconformado com isso,

conseguiu uma audiência com o então presidente General Vargas, cuja conversa resultou num clima menos inflexível com os adeptos do Espiritismo.

O Reformador teve uma tiragem recorde de 40.000 exemplares nos 27 anos em que Wantuil de Freitas foi seu diretor e presidente da FEB, graças ao trabalho de escolha dos artigos e uma revisão rigorosa.

Em 1946, criou o Departamento Editorial da FEB no bairro de S. Cristovão, e em 1948 começaram a funcionar ali as máquinas impressoras, "dando início ao período áureo da divulgação do livro e à incrementação da propaganda em geral", tornando-se assim responsável pela divulgação maior da Doutrina Espírita através do livro e pela imprensa.

Outro acontecimento de suma importância ocorreu em 05/10/1949, na realização da Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro, da qual resultou a Ata de Unificação, denominada "Pacto Áureo", em que Wantuil colaborou com a autoria de dezoito significativos itens.

Se devem a ele os quatro únicos selos postais espíritas emitidos no Mundo, sendo o primeiro sobre o Centenário da Codificação do Espiritismo, em 1957, tendo alcançado retumbância internacional.

Quando surgiu o "caso Humberto de Campos", em que a viúva do escritor promoveu em Juízo uma ação declamatória contra a FEB e Chico Xavier, Wantuil imediatamente coordenou um grupo de colaboradores em defesa da causa, e, nesse período, varou noites adentro no exame de toda a matéria que lhe chegava às mãos, alterando, acrescentando, suprimindo, surgerindo, para que a peça contestatória, fosse jurídica e doutrinariamente uma obra impencável.

Graças ainda a seus esforços, assessorado por dedicados companheiros como Antonio Fernandes Soares, nasceu a sede da Federação Espírita Brasileira (DF), num terreno doado pelo Novacap, com escritura assinada, em 1965.

Foi um dos associados mais antigos da Associação Brasileira de Imprensa, e de muitas outras Sociedades Espirituais, inclusive Esperantistas, como a Liga Brasileira de Esperanto.

Cinco dias antes de sua desencarnação, Bittencourt Sampaio, pelo médium Olímpio Giffoni, declara: "Podemos afirmar-vos que bem poucos deram tanto em favor da causa espírita: sua dedicação transformou-se em renúncia do homem comum, para tão somente cuidar da Casa de Ismael".

Fonte: Anuário Espírita 1995 - Nº 32 - IDE e *Reformador*, novembro/ 1995.

Eduardo Carvalho Monteiro

Psicólogo de formação, pesquisador e escritor de coração, sua curiosidade sempre o levava a ter olhos de ver, onde poucos não enxergavam além de papéis velhos e amarelados. Farejava o novo, ansiava pelo desconhecido.

Aos 55 anos, Eduardo Monteiro estivera internado, desde o dia 17 de outubro, em estado grave, no Hospital Alvorada, em São Paulo, com infecção e complicações renais, em decorrência do diabetes, e retornou ao mundo espiritual na manhã de 15 de dezembro, depois de narrar a um a um dos amigos que o visitaram, a difícil experiência que passara.

"Falei tanto sobre a dor em minhas palestras, mas agora descobri que eu falava sem conhecimento de causa. Agora eu sei o que é a dor física e a dor moral". "Na hora do maior desespero, eu só lembrei de gritar: Bezerra! Bezerra! (fazendo menção ao médico espiritual Bezerra de Menezes). Ninguém entendia nada. Eu parecia um louco." – lembra rindo.

Intenso e sincero, ele não deixaria de registrar o que de novo encontrara, ainda que fosse a dor! Narrara a experiência que vivera, a dúvida entre ficar ou partir: "Só quem viveu a experiência quase-morte pode imaginar o significado desse momento. Nessa hora, não se pensa como homem, mas como espírito. A visão da vida é outra. Envoltos em uma luz azulada, o bem-estar era indescritível. Por isso, quando fui interrogado pela equipe espiritual se eu queria ficar ou partir, eu disse que queria partir." Porém, no dia 3 de novembro, exatamente quando completava mais um ano de vida, retornava à consciência, reconhecendo que a vida lhe proporcionara o segundo round. Renascera! Era outra pessoa, talhada pelas experiências da dor. "Jamais serei o mesmo".

Eduardo comenta com os amigos os planos para quando voltasse à vida normal. "Toda essa pressa, toda essa loucura não valem a pena. As coisas não podem ser dessa forma." – fazendo referência à vida agitada que levava.

Mas ele realmente partira para a "vida normal" na manhã de 15 de dezembro, em decorrência de parada cardíaca. No fundo sabia que o tempo não seria suficiente para produzir tudo que tinha em mente.

Eduardo Monteiro era espírita desde a adolescência e aplicado nos estudos das ciências herméticas. Ao todo publicou 40 livros, 30 apenas sobre a história do Espiritismo, muitos dos quais biografias de vultos da doutrina, como: Allan Kardec, Léon Denis, Bатуíra, Anália Franco, Vitor Hugo, Cairbar Schutel, Jésus Gonçalves e outros.

Foi idealizador de diversas frentes de trabalho ligadas à pesquisa, como a Liga dos Historiadores e Pesquisadores Espíritas – da qual hoje fazem parte mais de 200 integrantes – e CCDPE – Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo, que por decisão do grupo passa a ter o nome de seu idealizador. Nos últimos tempos, Eduardo tinha pressa em instituir uma fundação, onde pudesse disponibilizar para o maior número de pessoas todo acervo que reunira durante anos de pesquisa.

Solteiro, ele transformara sua casa num imenso acervo, com mais de 30 mil livros, coleções de periódicos raros, cerca de 100 mil documentos históricos, muitos dos quais que recebera de toda parte do Brasil e do exterior – provavelmente o maior acervo espírita a atualidade. Seu amor pela doutrina levou-o a investir todos seus recursos financeiros em visitas a todas as bibliotecas e acervos de Paris e região, onde pudesse encontrar informações sobre as origens da história do Espiritismo.

Sua atuação deixara marcas nos inúmeros congressos espíritas de que participara. Trabalhou intensamente para o Congresso Internacional do Espiritismo, de 2004,

realizando, inclusive, exposição de materiais raros sobre a difusão do Espiritismo no Brasil e no mundo.

Era assessor pró-memória da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, assessoria instituída na gestão da presidência de Cesar Perri, e além de articulista do jornal Correio Fraternal, escrevia também para a RIE – Revista Internacional de Espiritismo, Revista Universo Espírita e de inúmeros outros periódicos do Brasil.

Nos últimos três anos, deu início à edição do Anuário Histórico Espírita, com o ideal de preservar a memória do Espiritismo no Brasil e no mundo e lançar novos autores, tanto acadêmicos, como tarefeiros do movimento espírita.

Eduardo realizava palestras por todo o Brasil e acabava de retornar de uma série delas, no Rio Grande do Norte.

Sua primeira obra como biógrafo espírita foi lançada em 1987, através da Editora Espírita Correio Fraternal. Com o título A extraordinária vida de Jesus Gonçalves, teve pronta aceitação dos leitores. Em menos de três meses, esgotaram-se os seis mil exemplares da primeira edição. Ele participou conosco por muitos anos na editora, inclusive com ricas contribuições no jornal Correio Fraternal. Atualmente, uma de suas importantes tarefas era a elaboração da coluna "Baú de Memórias".

A quantidade de material reunido em acervo, a urgência com que Eduardo colocava no papel os registros históricos, a conclamação de companheiros para as diversas frentes de trabalho por ele idealizadas revelam pistas sobre a provável frase que ele escolheria ao deixar um até breve a todos espíritas: "Ainda há muito o que fazer pela divulgação da doutrina."

Fonte: Correio Fraternal.

Inácio Ferreira

Brasileiro, nasceu em 1904, na cidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais. Dr. Inácio Ferreira somente se ausentou de sua cidade, a fim de estudar medicina, carreira que tanto amou, na então capital do Brasil, Rio de Janeiro.

Ao término de seus estudos, já formado médico em psiquiatria, retorna à sua cidade natal, com a tarefa predestinada ao espírita cristão. Assume, após um casamento por amor e apoiado pela esposa, a direção do primeiro Sanatório Espírita na região: Sanatório Espírita de Uberaba.

O ano de 1933 vem marcar um grande feito: a assistência gratuita e fraterna no referido Sanatório, à luz do Espiritismo, a qual ainda existe até os dias atuais. A obra em referência foi construída por uma personagem sempre lembrada em terras do chamado Brasil Central: Maria Modesto, médium de grande abnegação cristã.

O ciclo literário de Inácio Ferreira veio enfatizar a era da psiquiatria, em face da pesquisa doutrinária.

Por outro lado, a literatura-verdade, demonstrada através das curas de doentes envoltos na chamada loucura, e comprovadamente curados nas sessões espíritas, por ele realizadas, torna-se marcas de luz, até hoje apresentadas nas páginas dos livros que o grande médico publicou, há quase meio século.

Vale dizer que espíritos brasileiros que leram as primeiras edições de suas obras, no ano de 1940, jamais esqueceram o valor contido nessas obras. Novos Rumos à Medicina, Volumes I e II, Psiquiatria em Face da Reencarnação, Espiritismo e Medicina, dentre outros, vêm colocar o Dr.

Inácio Ferreira como sendo o primeiro autor médico dentro da doutrina.

A obsessão mostra os horizontes do chamado mundo sombrio, dentro da psiquiatria, que, à luz cristã do Espiritismo, faz com que diversos doentes sejam curados.

Dr. Inácio Ferreira publicou também Conselhos ao Meu Filho, assim como uma vasta coleção de livros para crianças, dentro da pedagogia espírita infantil. Um outro livro, até hoje esquecido do mundo editorial, Subsídios Para a História de Eurípedes Barsanulfo, mostra em destaque, o processo judicial movido pelo catolicismo contra o médium de Sacramento, cidade próxima a Uberaba, onde Eurípedes viveu.

A obra descreve inúmeras curas de pessoas desenganadas pela medicina terrena, que foram curadas por Eurípedes Barsanulfo.

O grande médico espírita, Dr. Inácio Ferreira, sempre se referia a sua esposa, sua companheira de ideal, com amor, visto que o casal não teve filhos; esta alusão sempre foi com muito carinho.

Poucos dos seus livros reapareceram, mas com muito êxito, quase cinquenta anos distantes da primeira edição, ganhando, no entanto, grande aceitação do público. Em 27 de setembro de 1988, Dr. Inácio Ferreira faleceu. Seus restos mortais repousam no cemitério de Uberaba, MG, terra que o grande médico espírita tanto amou e serviu.

Fonte: *Folha Cruzada*, Ano 5, Nº 8.

Agostinho, santo

Agostinho nasceu a 13 de novembro de 354, em Tagaste, pequena cidade da atual Argélia. Na cidade natal transcorreram sua infância e juventude, um ambiente limitado de um povoado perdido entre montanhas.

Talhado para a oratória, ele lê e decora trechos de poetas e prosadores latinos. Aprende elementos de música, física e matemática.

Em Cartago fez seus estudos superiores e ali também entrou em contato com a alegria e esplendor das cerimônias em honras aos deuses protetores do Império.

Embora seja descrito como um jovem ponderado, dedicado aos livros, ele confessa que "amar e ser amado era uma coisa deliciosa". Ele passou a viver com uma mulher a quem foi fiel, tendo se tornado pai em 373, com apenas 19 anos. Seu filho, de nome Adeodato, morreria aos 17 anos.

Desejava se destacar na eloquência, confessa, por orgulho. Desejava ser o melhor. Um livro de Cícero o alerta que "a verdadeira felicidade reside na busca da sabedoria."

Retorna à sua cidade natal e se dedica ao ensino, por treze anos, depois ensina em Cartago e Roma. Dedicou-se ao estudo das Escrituras, contudo, achou seu estilo tão simples que se desiludiu e o abandonou.

Em Milão parecia ser um homem feliz: pago pelo Estado, personagem quase oficial (ocupava a cátedra da eloquência), respeitado como professor. No entanto, ele se mostra inquieto. Busca a verdadeira alegria e não a encontra.

Afeiçoou-se ao maniqueísmo, doutrina do profeta persa Mani. Após 12 anos, insatisfeito com as respostas que a doutrina não lhe dava, recomeça a ler os Evangelhos e assistir os sermões do bispo Ambrósio, que o recebeu como um pai.

Uma canção infantil, na voz cristalina de uma criança que insiste "Toma, lê", faz com que ele procure o livro a respeito de São Paulo e retorne em definitivo ao cristianismo.

Sua vida daquele momento em diante seria meditar, escrever livros, discursar. Em 391, é chamado a Hipona, um grande centro comercial de cerca de 30.000 habitantes. Cinco anos depois seria sagrado bispo auxiliar de Hipona.

Grande era a luta, à época contra as chamadas heresias. Agostinho, sempre orador oficial, nos sínodos e concílios em Cartago nunca esquece que "mais valioso que a palavra é o amor fraterno... Os olhos dos doentes queimam, por isso são tratados com delicadeza... Os médicos são delicados até com os doentes mais intolerantes: suportam o insulto, dão o remédio, não revidam as ofensas."

As palavras que mais aparecem em seus escritos são amor e caridade. Por vezes, desenvolvendo uma idéia interrompe seu raciocínio para deixar escapar gritos de amor a Deus: "Ó Senhor, amo-Te. Tu estremeceste meu coração com a palavra e fizeste nascer o amor por Ti. Tarde Te amei, ó Beleza tão amiga e tão nova, tarde Te amei... Tocaste-me, e ardo de desejo de alcançar a Tua paz."

Duas vezes por semana falava na Igreja da Paz. Certa vez, discorrendo a respeito de São João se entusiasmou de tal forma que pregou durante cinco dias consecutivos, sempre aplaudido.

Mas, dizia: "Vossos louvores são folhas de árvores; gostaria de ver os frutos." Tal era a admiração que tinham por Agostinho, que chegaram a acreditar que ele fosse capaz de produzir curas e lhe levavam doentes.

"Se eu tivesse poder para curar", dizia, "curaria a mim mesmo".

A doença que o tomou durou poucos dias. Percebendo que se avizinhava a morte, pediu que o deixassem a sós, para orar.

Morreu na noite de 28 para 29 de agosto de 430, aos 76 anos. Não deixou testamento, mesmo porque não tinha bens.

Os pintores medievais o retratam com o livro na mão e o coração em chamas. O livro simboliza a ciência, o coração inflamado, o amor. Sabedoria e amor foram os seus dons inseparáveis.

Interessante anotar que embora seja sempre retratado com muita pompa e luxo, mesmo como bispo ele se recusava a usar o anel e a mitra.

Esse espírito foi convidado a participar da equipe do Espírito da Verdade e suas ponderações podem ser encontradas em vários momentos da Obra Kardequiana, entre eles em *O Livro dos Espíritos* (prolegômenos, resposta às questões 495, 919 e 1009), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (cap. III, itens 13 e 19; cap. V, item 19; cap. XII, itens 12 e 15; cap. XIV, item 9; cap. XXVII, item 23), *O Livro dos Médiuns* (cap. XXXI, dissertações de número 1 e XVI - Acerca do Espiritismo / Sobre as Sociedades Espíritas).

Fonte: *Grandes personagens da História Universal*, vol. 1 (Abril Cultural); *O Livro dos Espíritos*; *O Evangelho segundo o Espiritismo*; *O Livro dos Médiuns*.

Paul Gibier

O Doutor Paul Gibier (1851-1900), um dos sábios pesquisadores da fenomenologia espírita no século XIX, membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, foi médico, diretor do Laboratório de Patologia Experimental e Comparada do Museu de História Natural de Paris, aluno predileto de Louis Pasteur, ex-interno dos Hospitais de Paris, condecorado pela Faculdade de Medicina de Paris pela apresentação de tese sobre a raiva, incumbido pelo governo francês de estudar na França e no Exterior várias epidemias de "cólera-morbo" e de febre amarela, diretor do Instituto Bacteriológico (Instituto Pasteur) de Nova Iorque, membro da Academia de Ciências de Nova Iorque, Cavaleiro da Legião de Honra.

Nos primeiros dias do mês de junho de 1900, os jornais de Nova Iorque anunciaram que o Doutor Gibier acabara de falecer, num acidente a cavalo. Esta notícia não deixou indiferente nenhum daqueles, hoje muito numerosos, na França e no estrangeiro, que seguem, com certa atenção, o progresso dos estudos psicológicos. Grandes jornais não se limitaram a reproduzir a notícia; eles evocaram testemunhos de estima pela vida e trabalhos do sábio, não mais discutindo a realidade dos fatos observados, mas emitindo somente a opinião de que ele tinha ido muito longe. Nós não vimos, entretanto, nenhuma tentativa de contestação de suas opiniões. Vê-se que já estávamos, naquela época, muito longe do tempo em que tomavam por argumentos, sem réplica, alguns gracejos banais e irrefletidos que, em todos os tempos, acolheram as idéias novas e as grandes descobertas!

Sabemos bem pouca coisa acerca do Doutor Gibier. Ele mesmo nos informa que, antes de se entregar ao estudo da medicina, consagrou cinco anos a estudar a técnica mecânica. Formado em Medicina, começou a trabalhar num dos laboratórios do Museu de História Natural de Paris, entregando-se com paixão a pesquisas sobre os infinitamente pequenos que ocupam um lugar importante na preocupação de todos. Ele realizava, ao mesmo tempo, experiências sobre os fenômenos psicológicos e, em pouco tempo, foi obrigado a deixar o Museu, por causa destas últimas pesquisas, na opinião dele e de seus amigos, e por outros motivos, segundo os sábios do Museu.

Sabemos que Pasteur depositou nele toda a sua confiança, muita estima e o encarregou de várias missões na América Central, com a finalidade de estudar, em campo, os agentes microscópicos das doenças epidêmicas e da febre amarela, em particular. Foi, em seguida, nomeado diretor do Instituto Pasteur da cidade de Nova Iorque, cidade onde acabou de sucumbir bruscamente.

Este sábio, incluído freqüentemente entre os homens corajosos que não temem arriscar sua reputação e seu futuro, ao publicar suas opiniões apoiadas em fatos, nos deixou duas obras bem conhecidas, que merecem ser lidas e mais divulgadas. A primeira, "O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)", apareceu em 1886, e a segunda, "Análise das Coisas", em 1890.

A partir desta data, ele não deixou de observar e experimentar. Sabe-se que ele se propunha a resumir, numa última obra, seus trabalhos precedentes e nos fazer revelações que considerava ainda prematuras naquela época. Porém, a morte o surpreendeu e a Humanidade não pôde tomar conhecimento do restante de sua obra, certamente a parte mais importante!

Na Introdução de seu primeiro livro escreveu: "Declaramos, à viva voz, que ao começar estas pesquisas, tínhamos a íntima convicção de que nos encontrávamos em face de uma colossal mistificação, que precisava ser descoberta, e levamos muito tempo para

nos desfazermos desta idéia". Portanto, este sábio, como tantos outros de sua época, partiu com a idéia de desmascarar as mistificações, com uma convicção e, pouco a pouco, se fez defensor da nova ciência psíquica, com uma certeza que aumentava no decorrer do número e da variedade de experiências.

Naquilo que deixou escrito, ficou bem claro seu propósito de não divulgar, no seu entender, prematuramente, com detalhes, tudo o que havia descoberto, em virtude da opinião contrária do "meio científico". Mas, mesmo assim, ficou comprovado que muito avançou, para a sua época, em suas pesquisas: teorias das mais ousadas sobre a matéria, o papel da força, a evolução dos mundos, a constituição do homem, os fenômenos que acompanham e seguem a morte etc.

Ajudado pelo médium Slade, estudou, de uma maneira toda especial, o curioso fenômeno da escrita direta na ardósia, ao qual consagrou 33 sessões. Numerosas mensagens, em diversas línguas, foram obtidas no interior de ardósias duplas, fornecidas pelo experimentador e seladas uma contra a outra.

Em 1900, enviou ao Congresso Internacional Oficial de Psicologia, reunido em Paris, um relatório de várias materializações de espíritos, observadas em seu laboratório em Nova Iorque, na presença de várias testemunhas, notadamente dos funcionários que o assistiam em seus estudos de biologia (Dados extraídos da Revista *Reformador*).

Fonte: site: www.autoresespiritasclassicos.com

Alexandre Aksakof

Alexandre Aksakof nasceu na Rússia, no seio de nobre família, cujos membros ocuparam sempre lugar de destaque na literatura e nas ciências. Começou seus estudos no Liceu Imperial de São Petersburgo - instituição da antiga nobreza da Rússia - e uma vez concluídos dedicou-se ao estudo da Filosofia e da Religião, tendo para isso que aprender o hebraico e o latim, visando um melhor entendimento da obra grandiosa de Swedenborg.

Após estudar com afinco cursos e ramos da Filosofia, escreveu a primeira obra em francês no ano de 1852 sobre Swedenborg: "Uma exposição metódica do sentido espiritual do Apocalipse, segundo o Apocalipse revelado". Em 1854, caindo em suas mãos a obra de Andrew Davis: "Revelações da Natureza Divina", Aksakof abriu novos horizontes às suas aspirações e tendências intelectuais, reconhecendo um mundo espiritual de cuja realidade não mais duvidava.

Para fazer um completo estudo fisiológico e psicológico do homem, matriculou-se em 1855 como estudante da Faculdade de Medicina de Moscou, onde ampliaria os seus conhecimentos de Física, Química e Matemática, ao mesmo tempo em que acompanhava, passo a passo, o desenvolvimento espírita na Europa e na América. Para isso ele revolveu livrarias e pedia de qualquer lugar as obras que não se encontravam nas livrarias de sua terra. A partir de 1855 ele inicia a tradução para o russo de todas as obras de Allan Kardec, Hare, Edmonds, Dale Owem, William Crookes, "Relatório da Sociedade Dialética de Londres", e a fundação de periódicos como o "Psychische Studien", de Lípsia, uma das melhores revistas sobre Espiritismo.

A obra de Aksakof não se restringiu apenas a escrita. Criou adeptos entre pessoas de talento reconhecido, muitos deles cientistas, que, através de experiências feitas com médiuns famosos como Dunglas Home, levou a Rússia a formar a primeira comissão de caráter puramente científico para o estudo dos fenômenos espíritas. Para essa comissão, Aksakof mandou vir da França e da Inglaterra os médiuns que participariam das experiências. Como resultado, por haver fugido das condições pré-estabelecidas, tal comissão chegou a conclusões errôneas sobre o Espiritismo, saindo como relatório conclusivo o livro "Dados para estabelecer um juízo sobre o Espiritismo", onde afirmava a falsidade dos fenômenos observados. Aksakof contestou a comissão com um outro livro intitulado: "Um momento de preocupação científica".

A seguir, o valente russo voltou as suas baterias verbais contra o célebre "filósofo do inconsciente" Von Hartmann, publicando uma obra volumosa, a mais completa que se conhece sobre o assunto versado "Animismo e Espiritismo", que mais o fortaleceria como eminente cientista e pesquisador nato.

Homem de brilhante posição social, ele consagrou-se durante 25 anos ao serviço do Estado, alcançando vários títulos, tais como: conselheiro secreto do Czar, conselheiro da corte, conselheiro efetivo do Estado, e outros que não são mais que um prêmio aos bons serviços prestados por ele à sua pátria. Verdadeiro sábio, raras vezes se acham reunidas tanta inteligência, tanta erudição a um critério imparcial. Jamais se deixou arrastar pelos entusiasmos das suas convicções; nunca perdeu a serenidade em seus juízos, e, no meio da sua fé, tão ardente e sincera, não esqueceu o raciocínio frio que lhe fez compreender quais podem ser as causas dos fenômenos que observava, o que o colocou acima dessa infinidade de fanáticos que não estudando, não experimentando, e aceitam como bom tudo quanto se lhes querem fazer crer.

Polemista temível e escritor delicado, os trabalhos de Aksakof levam a convicção ao espírito; e tal sinceridade se vê em suas obras que, lendo-as, sente-se a necessidade de crer nelas. Alie-se a isto um caráter bondoso e uma vontade de ferro, que não se demove frente aos obstáculos, assim como a uma paixão imensa pelo ideal que o leva a percorrer a Europa para fazer experiências, e ter-se-á uma idéia superficial a respeito do investigador incansável, dotado de uma alma varonil e de um talento primoroso. Nunca permaneceu ocioso; seus artigos abundavam nos periódicos espíritas, e não há pessoa medianamente ilustrada que não conheça alguma das suas célebres experiências com os médiuns Home, Slade, d'Esperance, ou algum de seus estudos acerca de fantasmas e formas materializadas. Assim foi Aksakof, o maior de todos os soldados da grande Rússia, um soldado que combatia idéias, ideal com ideal, desonra com honra, preconceitos com dignidade.

Fonte: *Revista ICESP*, ano 4, nº 16, 4º trimestre/2005 - Dr. Paulo Toledo Machado.

John Wilmot Rochester

O Espírito que conhecemos sob o nome de conde de Rochester, está intimamente ligado - no que se refere à produção de suas obras - ao da médium Wera Krijanowski.

Pouca coisa pode-se dizer a respeito de John Wilmont, conde de Rochester, no que concerne a sua existência física. Almirante célebre no reinado de Carlos II, da Inglaterra, foi autor de poesias satíricas, bastante apreciadas em sua época, e possuía vasta cultura. Nasceu em 1647 e morreu em 1680, aos 33 anos de idade.

Missão

No estado de Espírito, Rochester recebeu a missão de trabalhar pela propagação do Espiritismo. Para poder cumprir a tarefa, escolheu e preparou desde a infância a médium Wera Ivanova Krijanowskaia, jovem filha de distinta família russa.

Não obstante haver recebido sólida instrução no Instituto Imperial de S. Petersburgo, Wera não se aprofundou em nenhum ramo de conhecimento. Sua mediunidade consistia, principalmente, na escrita mecânica. O automatismo que a caracterizava fazia sua mão traçar as palavras com rapidez vertiginosa e completa inconsciência de idéias.

As narrações que lhe eram ditadas denotam amplo conhecimento da vida e dos costumes antigos e trazem em suas minúcias tal cunho de feição local e de verdade histórica, que é difícil ao leitor não lhes reconhecer a autenticidade. Afigura-se-nos impossível que um historiador, por mais erudito que seja, possa estudar, simultaneamente e a fundo, épocas e meios tão diferentes como as civilizações assíria, egípcia, grega e romana; bem como costumes tão dessemelhantes quanto os da França de Luís XI e os da Renascença.

No período compreendido entre 1882 e 1920, foram escritos 51 romances, quinze dos quais têm tradução para o português: O chanceler de ferro, O faraó Mernephtah, Romance de uma rainha (2 volumes), Episódio da vida de Tibério, Herculano, O sinal da vitória, A abadia dos beneditinos, Naema, A bruxa, A lenda do Castelo de Montinhoso, A vingança do judeu, A feira dos casamentos, Na fronteira, O elixir da longa vida, A Noite de São Bartolomeu, Narrativas ocultas.

Obra

A temática da obra de Rochester começa no Egito faraônico, passa pela antigüidade greco-romana e pela Idade Média e chega até o século XIX. Nos seus romances, a realidade navega num caudal fantástico, em que o imaginário ultrapassa os limites da verossimilhança, tornando naturais fenômenos que a tradição oral cuidou de perpetuar como sobrenaturais.

O referencial de Rochester é pleno de conteúdo sobre costumes, leis, antigos mistérios e fatos insondáveis da História, sob um revestimento romanesco, onde os aspectos sociais e psicológicos passam pelo filtro sensível de sua grande imaginação. A classificação do gênero, em Rochester, é dificultada por sua expansão em várias categorias: terror gótico com romance, sagas de família, aventuras e incursões pelo fantástico.

É tão grande o número de edições das obras de Rochester, espalhadas por inúmeros países, que não é possível fazer idéia de sua magnitude, principalmente ao se considerar

que, segundo os pesquisadores, muitas dessas obras são desconhecidas do grande público.

Diversos cultores dos romances de Rochester efetuaram (e, quiçá, efetuam) pesquisas em bibliotecas de vários países, notadamente na Rússia, para localizar obras ainda desconhecidas. É o que se depreende dos prefácios transcritos em diversas obras.

Considerações finais

Nesta sucinta descrição da vida e obra de Rochester, tendo em vista o grande número de obras publicadas, abstinemo-nos de relacionar todas elas. O leitor interessado, todavia, encontrará a relação completa no livro *Narrativas ocultas*.

A Sociedade Científica de Espiritismo de Paris publicou uma mensagem mediúnica de Rochester, que figura no prefácio da obra *Episódio da vida de Tibério*, em francês, na qual ele afirma que muitas narrativas completariam sua obra mediúnica, e que a última a aparecer seria *Memória de um Espírito errante*, com a descrição da última encarnação dos autores do drama secular de suas obras, e que estariam encarnados na Terra neste período.

Segundo afirmativa dos membros do grupo espírita no qual Rochester se manifestava, a obra referida seria seu trabalho capital e uma espécie de enciclopédia do Espiritismo.

Narrando as existências de diversos Espíritos, que a cada vez voltam a sofrer uma nova prova terrestre, essas obras estabelecem o princípio da reencarnação progressiva, tal como foi ensinado por Allan Kardec, em contraste com o dogma do inferno eterno, desmentido formal às desesperadas palavras de Dante: *Lasciate ogni speranza voi ch'entrate!*

Fonte: site: www.searabendita.org.br

William Crookes

William Crookes nasceu em Londres, Inglaterra, no dia 17 de junho de 1832. Foi o maior químico da Inglaterra, segundo afirmativa de "Sir" Arthur Conan Doyle, o que ficou constatado pela trajetória gloriosa que esse ilustre homem de ciência desenvolveu no campo científico. Mencionado como sendo um dos mais persistentes e corajosos pesquisadores dos fenômenos supranormais, desenvolveu importante trabalho na área da fenomenologia espírita.

No ano de 1855, Willian Crookes assumiu a cadeira de química na Universidade de Chester. Como conseqüência de prolongados estudos, no ano de 1861 descobriu os raios catódicos e isolou o Tálcio, determinando rigorosamente suas propriedades físicas. Após persistentes estudos em torno do espectro solar, descobriu, em 1872, a aparente ação repulsiva dos raios luminosos, o que o levou à construção do Radiômetro, em 1874. No ano seguinte descobriu um novo tratamento para o ouro. No entanto, a coroação do seu trabalho científico foi a descoberta do quarto estado da matéria, o estado radiante, no ano de 1879. Foram-lhe outorgadas várias medalhas pelas relevantes descobertas no campo da física e da química.

A rainha Vitória, da Inglaterra, nomeou-o com o mais alto título daquele país: "Cavalheiro".

A par de todas as atividades, ocupou a presidência da Sociedade de Química, da Sociedade Britânica, da Sociedade de Investigações Psíquicas e do Instituto de Engenheiros Eletricistas.

Dotado de invejável fibra de investigador, acabou por pesquisar os fenômenos mediúnicos, a princípio, com o fim de demonstrar o erro em que incidiam os ditos "médiuns" e todos aqueles que acreditavam piamente em suas mediunidades.

Em 1869, os médiuns J.J.Morse e Sra. Marshall serviram de instrumento para que Crookes realizasse as suas primeiras investigações.

As mais notáveis experiências mediúnicas, levadas a efeito por esse ilustre cientista, foram realizadas através da médium Florence Cook, quando obteve as materializações do Espírito que dava o nome de Katie King, fato que abalou o mundo científico da época.

A jovem Florence Cook tinha apenas 15 anos de idade quando se apresentou a Sir Willian Crookes, a fim de servir de medianeira para as pesquisas científicas que vinha realizando. São dela as seguintes palavras: "Fui à casa do Senhor Crookes, sem prevenir a meus pais e nem a meus amigos. Ofereci-me em sacrifício voluntário sobre o altar de sua incredulidade." Ela pediu a proteção da Sra. Crookes e submeteu-se a toda sorte de experimentações, objetivando comprovar a sua mediunidade, pois que um cavalheiro, de nome Volckmann, havia lhe imputado suspeitas de fraude.

No dia 22 de abril de 1872, aconteceu, pela primeira vez, a materialização do Espírito Katie King, estando presente na sessão, a genitora, alguns irmãos da médium e a criada.

Após várias sessões, nas quais o Espírito Katie King se manifestava com incrível regularidade, a Srta. Florence afirmou a Willian Crookes que estava decidida a submeter-se a todo o gênero de investigações.

Na sua obra "Fatos Espíritas", faz completo relato de todas as experiências realizadas com o Espírito materializado de Katie King, que não deixa dúvida quanto ao poder extraordinário que possui o Espírito de dar a forma desejada, utilizando a matéria física.

Numerosos cientistas de renome, mesmo diante dos fatos mais convincentes, hesitaram em proclamar a verdade, com receio das conseqüências que isso poderia acarretar aos olhos do povo. Crookes, porém, não agiu assim. Ele penetrou o campo das investigações com o intuito de desmascarar, de encontrar fraudes, entretanto, quando constatou que os casos eram verídicos, insofismáveis, ele rendeu-se à evidência, curvou-se diante da verdade, tornou-se espírita convicto e afirmou: - "Não digo que isto é possível; digo: isto é real!"

Willian Crookes desencarnou em 04 de abril de 1919, em Londres, Inglaterra.

Fonte: *ABC do Espiritismo*, Victor Ribas Carneiro e *Personagens do Espiritismo*, Antonio de Souza Lucena e Paulo Alves Godoy.